

*Enciclopédia,  
ou Dicionário razoado das ciências,  
das artes e dos ofícios*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

DENIS DIDEROT E JEAN LE ROND D'ALEMBERT

*Enciclopédia,  
ou Dicionário razoado das ciências,  
das artes e dos ofícios*



Volume 7  
Civilização material

Organização  
Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza

Tradução  
Leon de Souza Garcia, Leonardo Paes Müller, Pedro Paulo Pimenta,  
Maria das Graças de Souza e Fábio Yasoshima



© 2024 Editora Unesp

Título original: *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*

Direitos de publicação reservados à:  
Fundação Editora da Unesp (FEU)  
Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.editoraunesp.com.br  
www.livrariaunesp.com.br  
feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

D555e

Diderot, Denis

Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios – Volume 7, “Civilização material” / Denis Diderot, Jean Le Rond D’Alembert; organizado por Pedro Paulo Pimenta e Maria das Graças de Souza; traduzido por Pedro Paulo Pimenta ... [et al.]. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

ISBN: 978-65-5711-135-2

1. Dicionários e enciclopédias de filosofia. 2. Ciências. 3. Artes.  
I. D’Alembert, Jean Le Rond. II. Pimenta, Pedro Paulo. III. Souza, Maria das Graças de. IV. Müller, Leonardo Paes. V. Yasoshima, Fábio.  
VI. Garcia, Leon de Souza. VII. Título.

2022-2138

CDD 103

CDU I(038)

---

Editora afiliada:



## Sumário

A *Enciclopédia* e a civilização material das Luzes . 11

*Pedro Paulo Pimenta*

### Civilização material

Acarigoba, Diderot . 29

Açúcar (*História Natural das Artes*), Le Romain . 29

Aguaxima (*História Natural, Botânica*), Diderot . 38

Alfinete (*Arte Mecânica*), Delaire . 39

Algodão (*História Natural, Botânica*), Tournefort, Diderot . 50

Amazonas, rio das, D'Alembert . 53

Angola (*Geografia Moderna*), Diderot . 54

Antropofagia (*História Antiga e Moderna*), Mallet . 54

Antropófagos (*História Antiga e Moderna*), Mallet . 55

Arenque (*História Natural, Litologia*), Daubenton . 56

Bacalhau, *Molua* (*História Natural, Ictiologia*), Anônimo . 58

Baleia, pesca da (*História Natural*), Diderot . 59

- Benin (*Geografia*), Diderot . 66
- Bomba d'água (*Hidráulica e Artes Mecânicas*), Diderot . 67
- Boto, ou Porco do mar (*História Natural, Ictiologia*), Jaucourt . 68
- Brasil (*Geografia*), Diderot . 69
- Buenos Aires, ou Cidade da Trindade (*Geografia*), Anônimo . 69
- Bússola, Formey . 69
- Caça (*Economia Rústica*), Diderot . 72
- Calor animal (*Economia Animal*), Venel . 75
- Canadenses (*Filosofia dos*), Pestré . 81
- Carámbas, ou Canibais, Anônimo . 84
- Cerveja, Diderot . 84
- Chá (*Botânica Exótica*), Jaucourt . 85
- China (*Geografia*), Diderot . 93
- Chineses, filosofia dos, Diderot . 94
- Chocolate (*Economia Doméstica, Dietética*), Diderot . 97
- Colônia (*História Antiga e Moderna, Comércio*), Forbonnais . 101
- Companhia de comércio, Forbonnais . 108
- Concorrência (*em matéria de comércio*), Forbonnais . 118
- Congo (*Geografia Moderna e Comércio*), Anônimo . 120
- Contrabando (*Comércio, Polícia*), Forbonnais . 120
- Crisálida (*História Natural, Zoologia*), Daubenton . 127
- Crise (*Medicina*), Bordeu . 128
- Culinária (*Arte Mecânica*), Jaucourt . 139
- Diamante, adamas (*História Natural, Mineralogia*), Daubenton . 144

- Doença (*Medicina*), Anônimo . 147
- Domingos, São (*Geografia*), Anônimo . 152
- Epidemia (*Medicina*), doença epidêmica, D'Aumont . 152
- Escravidão (*Direito Natural, Religião, Moral*), Jaucourt . 157
- Escrita (*Arte Mecânica*), Diderot . 171
- Esquimós (*Geografia*), Jaucourt . 175
- Falcoaria (*Ordem enciclopédica, Ciência, Arte, Economia rústica, Caça*).  
Le Roy . 176
- Feira (*Comércio e Política*), Turgot . 180
- Forjas (grandes), Bouchu . 187
- Francês (*História da Literatura, Moral*), Voltaire . 188
- Geografia Física, Demarest . 190
- Golfinho (*História Natural, Ictiologia*), Daubenton . 205
- Grãos (*Economia Política*), Quesnay . 207  
*Máximas do governo econômico* . 208
- Inca (*História Moderna*), Anônimo . 217
- Índia (*Geografia Antiga e Moderna*), Jaucourt . 218
- Inseto (*História Natural*), Anônimo . 221
- Iroqueses (*Geografia*), Jaucourt . 224
- Jaguar (*Zoologia*), Jaucourt . 224
- Jaguetê (*História Natural, Zoologia*), Anônimo . 225
- Jamaica (*Geografia*), Jaucourt . 225
- Lapônia (*Geografia*), Jaucourt . 226
- Leopardo (*História Natural*), Anônimo . 228

- Lince (*História Natural*), Anônimo . 228
- Mandioca (*Botânica*), Le Romain . 228
- Manufatura, reunida ou dispersa, Anônimo . 232
- Matéria (*Metafísica e Física*), D'Alembert . 238
- Metamorfose (*Mitologia*), Jaucourt . 243
- México, Cidade do (*Geografia*), Jaucourt . 244
- Milho (*Agricultura*), Jaucourt . 246
- Montesquieu, Elogio de, D'Alembert . 248
- Mundo (*Física*), D'Alembert . 267
- Música, efeitos da (*Medicina Dietética, Ginástica Terapêutica*),  
Ménuret de Chambaud . 268
- Narval (*História Antiga, Ictiologia*), Jaucourt . 275
- Navegante (*Marinha*), Jaucourt . 276
- Olinda (*Geografia*), Jaucourt . 278
- Onça (*História Natural*), Anônimo . 279
- Ópio (*História Natural das Drogas*), Jaucourt . 279
- Ossificações fósseis (*História Natural, Mineralogia*), D'Holbach . 282
- Pantera, *pantera seu pardallis*, Daubenton . 284
- Papel do Japão (*Artes e Ofícios*), Jaucourt . 284
- Paraguai, Missões do (*Geografia, História*), Jaucourt . 288
- Patologia (*Medicina, Patologia*), Ménuret de Chambaud . 291
- Pimenta (*História das Drogas Exóticas*), Jaucourt . 294
- Planeta (*Astronomia*), D'Alembert . 295
- Polícia (*Governo*), Anônimo . 297



- População (*Física, Moral, Política*), D'Almilaville . 298
- Potosí (*Geografia moderna*), Jaucourt . 326
- Queijo (*Dietética*), Venel . 326
- Salvador, São (*Geografia moderna*), Jaucourt . 329
- Sebastião, São (*Geografia moderna*), Jaucourt . 330
- Saúde (*Economia Animal*), Anônimo . 330
- Seda (*Gramática, História Natural*), Anônimo . 337
- Stratford (*Geografia Moderna*), Jaucourt . 339
- Tabaco (*História Natural*), Jaucourt . 347
- Tamanduá (*História Natural, Zoologia Exótica*), Jaucourt . 352
- Tarântula (*História Natural*), Jaucourt . 352
- Tigre (*História Natural, Zoologia*), Anônimo . 359
- Trigo (*Economia Rústica*), Le Roy . 361
- Tupinambás (*Geografia Moderna*), Anônimo . 367
- Unicórnio fóssil (*História Natural*), D'Holbach . 368
- Vinho (*História das bebidas alcólicas*), Jaucourt . 369
- Vinho e fermentação vinícola (*Química*), Jaucourt . 379
- Virgínia (*Geografia Moderna*), Jaucourt . 387



## A Enciclopédia e a civilização material das Luzes

Pedro Paulo Pimenta



Em 1791, Edmund Burke, deputado no parlamento britânico por Bristol, publicou um panfleto – *Reflexões sobre a revolução na França* – que rapidamente se tornaria o estopim de uma polêmica em torno da Revolução Francesa envolvendo Thomas Paine, Mary Wollstonecraft e outros que, até então, tinham visto em Burke um aliado na defesa do nascente republicanismo francês. O que Burke e os seus detratores não poderiam imaginar é que o panfleto em questão se tornaria o manifesto de uma tendência política (“reacionária” ou, mais tarde, “conservadora”) que se definiria, precisamente, por contraposição à Revolução Francesa e aos valores universais (ditos “abstratos”) que ela teria introduzido, cujas consequências lógicas e necessárias seriam o terror e o totalitarismo.<sup>1</sup>

Essa fábula, que ainda hoje tem seus adeptos, ignora, de caso pensado ou não, que o ponto crucial da peroração de Burke (não esqueçamos: trata-se de uma peça de retórica) é a vinculação entre os desmandos da Revolução – em 1791 – e os ensinamentos dos *philosophes*, maligna cabala que teria disseminado, na monarquia francesa, sob as barbas do rei, do clero e dos censores, o desrespeito pelas tradições, o livre-pensamento, a libertinagem

---

<sup>1</sup> A melhor suma dessa posição, ao que eu saiba, se encontra no livro, como sempre instigante, de Himmelfarb, *Os caminhos para a modernidade*.

e outras mazelas do gênero. À frente desses conspiradores, Burke encontrou os enciclopedistas – os mesmos que, anos antes, haviam empreendido, em dezessete volumes e milhares de páginas, a mais implacável crítica dos sistemas *a priori* e das abstrações. Defensores aguerridos da filosofia experimental inglesa – Bacon, Newton, Locke etc. –, os alvos preferenciais de Burke não tinham tempo para a cantilena religiosa, a hipocrisia moral, as tradições veneráveis, a autoridade à margem da lei, em suma, tudo o que cheirasse, na vida social, a abstração metafísica e não se sustentasse diante do livre exame da razão filosofante (prerrogativa de todo ser humano, e não de uns poucos qualificados por ordenação divina ou real). As acusações lançadas por Burke, no fundo calcadas na defesa da monarquia e do clero, não chegam a ser originais. Haviam sido feitas quatro décadas antes, de maneira mais direta e mais franca, pelos jesuítas e os jansenistas, causando, inclusive, numerosos impedimentos à publicação de uma obra que, malgrado suas críticas à religião e à teologia, não tinha nada de politicamente subversiva, mas se posicionava em defesa do que havia de mais avançado na ciência europeia.<sup>2</sup>

A verdade é que os primeiros detratores da *Enciclopédia* farejaram o perigo. Pois, no fundo, o que há de mais ameaçador na obra é a defesa da ciência, acompanhada de uma valorização até então sem precedentes das artes ditas “manuais” ou “mecânicas”, que, na rígida hierarquia vigente desde a Antiguidade clássica, eram relegadas aos escravos e aos trabalhadores, ou à parcela do “gênero humano” que mais se aproxima da “vida animal” e não tem disposição nem aptidão para as coisas mais elevadas do “espírito”. O destaque dado às “artes e ofícios” desde o título da obra não poderia ser boa coisa, sinalizando com uma subversão talvez mais radical que a de uma revolução política. Sem destituir o rei ou banir o clero, os enciclopedistas os deixavam mudos, de um só golpe, falando de coisas sobre as quais eles simplesmente não teriam o que dizer. O assunto muda, e os senhores

---

2 Badinter, em *As paixões intelectuais*, v.2: exigência de dignidade, investiga as condições institucionais da produção do saber filosófico e científico na França das Luzes, o que costuma ser ignorado pelas análises em busca de grandes sínteses. É um ótimo exemplo de como a análise histórica oferece entraves a grandes sínteses teóricas.

de outrora passam a ser, quando muito, espectadores de uma cena que transcorre à sua revelia. Pior: vinculando as artes e os ofícios, como sói, à atividade econômica, a *Enciclopédia* punha a nu a condição material de possibilidade da existência do imponente (e, logo se veria, frágil) arcabouço de sustentação do Antigo Regime. Ninguém à época da Revolução Francesa teria pensado em buscar na *Enciclopédia* algo como um programa político. Desnecessário fazê-lo: a inversão de valores na filosofia precedeu o gesto político que veio consagrá-la institucionalmente. A imaginação mórbida de Burke – que não era conhecido por sua cultura filosófica ou científica – acertou o alvo e viu muito bem o que estava por trás da ameaça republicana: a vontade de poder do artesão, a força conceitual do douto, a independência intelectual do filósofo, o prestígio da atividade manual em detrimento do ócio aristocrático. Desprovidos de títulos nobiliárquicos, dependentes da fortuna alheia para o próprio sustento, os enciclopedistas, homens menores e insignificantes diante dos “grandes” do reino, realizaram, a partir de 1751, o impensável. Daí a inquietação de Burke: o que será da Europa quando a ralé lhes seguir o exemplo?

O fato é que, em meio ao “ruído e à fúria”, para além da filosofia e da religião, a *Enciclopédia* oferece uma reflexão serena e rigorosa sobre “as artes e os ofícios”. Elas respondem por boa parte dos dezessete volumes de texto e pela quase totalidade dos outros onze contendo as pranchas de ilustrações. São o principal assunto da obra. Não por outra razão, Diderot, a título de divulgação, distribuiu ao público, juntamente com um “Prospecto” (depois incorporado ao *Discurso preliminar*), o verbete *Arte*, que versa sobre os princípios e aplicações das artes mecânicas (incluído no volume 2 da presente coleção). Esse ensaio anuncia de saída a reviravolta a que nos referimos. Além de seu apreço pelas artes nobres ou liberais, como a pintura e a escultura, que ele resenhou nos Salões de Belas-Artes do Louvre a partir de 1757, Diderot cultivou o conto, a novela, o drama e outras formas literárias. Em toda essa produção, a valorização de um registro que ele ajudou a consolidar, a meio caminho entre o elevado e o baixo. Dedicando às artes mecânicas um verbete de destaque, uma pequena obra-prima tributária de Bacon, Diderot chama a atenção do leitor para a proeminência que elas haviam adquirido na Europa dos meados do século XVIII.

A época da *Enciclopédia* não é a da revolução tecnológica que ajudaria a consolidar, no século XIX, o sistema de produção industrial.<sup>3</sup> Mesmo a invenção do motor a vapor, devidamente notada em suas páginas, só terá efeitos plenos anos mais tarde. Em 1750, as técnicas de produção predominantes são, além das agrárias, o tear, o engenho, a forja de metais, a fabricação de embarcações e outros aprimoramentos de fazeres ancestrais, muitos dos quais conhecidos desde a Antiguidade. “Dicionário razoado”, a *Enciclopédia* não se contenta em inventariar essas técnicas e descrevê-las – embora o faça com esmero. Nesse ponto, a ambição filosófica da obra se mostra com uma clareza que nem sempre se encontra nos verbetes dedicados à filosofia, muitas vezes prolixos e inexatos. Diderot, que em seus escritos desenvolveu uma reflexão original sobre o organismo e a vida,<sup>4</sup> elabora, na *Enciclopédia*, uma filosofia do mecanismo, na qual se vê a complementaridade entre esses conceitos. Uma máquina, enquanto produto da arte humana, prolonga o corpo que a concebeu e a fabricou de acordo com uma ideia e uma finalidade. Sua ordenação sistêmica espelha fielmente a integração funcional própria dos seres vivos.<sup>5</sup> O que chamaremos aqui de “fisiologia da máquina” requer uma revisão drástica da hierarquia das artes, ou, antes, a criação de uma hierarquia à parte, das atividades tecnológicas, a serem consideradas como um gênero independente da suposta nobreza das belas-artes. Nos escritos posteriores de Diderot, esse novo gênero se voltará, inclusive, contra essa prerrogativa, permitindo ao filósofo mostrar que a experiência artística é fisiológica, material e fabril de uma ponta a outra, desde as sensações que se agitam no cérebro do artista até as que o seu espectador experimenta “contemplando” a obra (tocá-la diretamente, com as mãos, “ouvi-la” com os olhos, tampando os ouvidos, e assim por diante).<sup>6</sup>

A atividade técnica ou artística volta-se para a produção de mercadorias destinadas à satisfação de carências ou necessidades, de prazeres ou velei-

---

3 Sobre esse ponto, ver Proust, *Diderot et l'Encyclopédie*, cap.5: As forças produtivas.

4 Ver Diderot, *Da interpretação da natureza e outros escritos*; e id., *O sonho de D'Alembert, seguido de Elementos de fisiologia*.

5 Ver Simondon, *Do modo de existência dos objetos técnicos*, p.155-70.

6 Ver Lichtenstein, *La Tache aveugle: essai sur les relations de la peinture et de la sculpture à l'âge moderne*, cap.2.

dades humanas – que, na sociedade comercial, se multiplicam como nunca antes na história. Essa espécie de trabalho, tradicionalmente vista como aplicação da forma à matéria, é vista na *Enciclopédia* como processo de integração entre elementos diferentes em uma única substância material que perpassa o mundo da experiência, ou a “Natureza”. Apesar das diferenças que os separam, os colaboradores da obra concebem o trabalho em termos de metamorfose, ideia poética herdada de Ovídio e Lucrecio e que se estende à história natural e à fisiologia dos corpos (ver, neste volume, *Crisálida*, *Inseto* e *Metamorfose*). Entre os corpos e os instrumentos e as máquinas, a imaginação estabelece uma simbiose. Por um lado, a máquina plasma o corpo, como na divisão do trabalho, analisada pela primeira vez em detalhe no verbete *Alfinete*. Por outro lado, a *Enciclopédia* mostra os processos pelos quais a máquina e seus desdobramentos são plasmados pelo corpo que os utiliza. Por fim, a metamorfose como processo natural inclui o trabalho, pois ao bicho-da-seda se deve uma das mercadorias mais valiosas do comércio estabelecido entre a Ásia e a Europa a partir do século XIII (ver, neste volume, *Seda*).

No verbete *Tear de meias* (v.6 desta coleção), essa mercadoria aparece como a conclusão de um raciocínio, o signo que traz condensada a complexidade de todo um processo, metamorfoseado na perfeição tátil e visual de uma peça de vestimenta voltada para uma funcionalidade, destinada à supressão de um incômodo, utilizada para a satisfação de um prazer. As contribuições da escola fisiocrática à *Enciclopédia* são numerosas e densas; as peças incluídas neste volume põem em relevo a economia como ciência da mensuração dos prazeres e do seu balanço entre as partes do corpo político. O prazer é uma função do corpo vivo, e, enquanto tal, está estritamente ligado à sua fisiologia, a começar pela alimentação. A dieta do século XVIII europeu é baseada nos grãos e cereais, e é necessário, não apenas para o prazer, mas também para o trabalho e a guerra, que os súditos estejam minimamente alimentados. O mesmo corpo que significa a mercadoria é signo também da prosperidade do reino, da capacidade do Estado de sustentar os que se encontram dentro de suas fronteiras. No verbete *Grãos*, Quesnay, líder da escola dos fisiocratas, encontra oportunidade para estabelecer as *Máximas do governo econômico*, sem as quais tornou-se impossível pensar o governo político. Um mundo novo, em que os

súditos do Leviatã, antes figurados como parte do corpo do soberano, adquirem seus próprios corpos, que o soberano se empenha em controlar, voltando-os para os seus fins.

Um ar de neutralidade marca as análises e descrições de “artes e ofícios” na *Enciclopédia*, que parece não dar atenção às condições efetivas em que o trabalho é realizado. Tudo se passa como se o trabalhador enquanto tal, livre ou escravo, fosse um mero componente na integração com instrumentos que permitem fabricar alguma coisa. Não discutiremos se se trata, com isso, de lançar um véu sobre o processo de produção da mais-valia, o que faria das pranchas e verbetes simples dispositivos ideológicos, e, dos articulistas de Diderot, joguetes de ideias que eles não compreendem bem.<sup>7</sup> Notemos apenas que, na *Enciclopédia*, o produto ou mercadoria desponta como resultado de um processo fisiológico que, por analogia, se aproxima da geração orgânica, combinação fértil entre as forças do corpo animal e as da máquina. Diderot e os seus jamais perdem de vista as tensões entre organismo natural e máquina fabricada, fisiologia animal e estruturação mecânica. Essas tensões fisiológicas se encontram no bojo de muitas das considerações da economia nascente acerca das condições materiais da produção da riqueza. Não por acaso, as ideias de trabalhador e de trabalho praticamente inexistem aí: não por ocultação ideológica, mas porque as categorias usadas para pensar a produção são outras – tão suficientes, por ora, quanto as que o século XIX depois irá forjar (e às quais muitos, com razão ou não, ainda se apegam).<sup>8</sup>

Refletindo no tempo presente que é o seu, a *Enciclopédia* vincula a prosperidade das monarquias europeias modernas ao comércio, atividade definida em termos políticos. Detendo-se com minúcia em questões essenciais ao interesse europeu – como o plantio e o armazenamento dos grãos –, os enciclopedistas lançam o olhar para os territórios conquistados e administrados desde o século XVI, examinando em detalhe os produtos oriundos da África, das Américas e da Ásia, interessando-se por sua colheita, tratamento e manufatura, notando a absorção das técnicas locais pelos invasores

---

7 É a posição de Barthes no ensaio “As pranchas da *Enciclopédia*”, em *O grau zero da escrita*.

8 Ver a respeito Fischbach et al. (orgs.), *Histoire philosophique du travail*, introdução.



e deleitando-se na descrição do prazer ligado à utilização do açúcar ou do chocolate na culinária ou ao conforto decorrente do emprego do algodão e da seda nas vestimentas; e assim por diante. Nota, também, que a mão de obra que extrai essas coisas do solo e as transforma em manufaturas é escravizada, e denuncia, nos termos da época, a bárbara prática do tráfico humano. Mas essa denúncia não acarreta a condenação de um sistema que os enciclopedistas veem como essencialmente benigno.

Estaríamos diante da celebração do “domínio do homem sobre a natureza”? Essa tópica, tantas vezes atribuída às Luzes, não resiste a um exame mais atento dos lugares-comuns que, entretanto, teriam de respaldá-la. O que nos diz, com efeito, a *Encyclopédia*? Que a produção técnica é um análogo da produção natural, que a arte humana espelha, prolonga, inverte a arte da natureza; que esta última está presente naquela, e a condiciona sem que os humanos se deem conta disso; e assim por diante. É significativo que a publicação do verbete *Arte* como *teaser*, à qual já aludimos, tenha sido acompanhada pela de outro, *Abelha*, redigido por Daubenton a partir da *História dos insetos*, de Réaumur, e que se detém na laboriosa atividade de fabricação do mel por esses pequenos animais. As abelhas trabalham como os humanos? Produzem riqueza como eles? No verbete *Seda*, a indiferença entre a técnica natural e a humana é projetada sobre o pano de fundo da combinação entre elas: o que o inseto faz, o tecelão aprimora, a ideia de divisão do trabalho como um processo natural que serve de esquema à percepção de um processo artístico como a fabricação de alfinetes. Qual a diferença entre o operário humano e o operário inseto? Mais de palavras do que de essências. O verbete *Mecanicista* extrai a consequência mais coerente do deslocamento da verdade para o domínio da enunciação: a insuficiência da ideia de máquina para pensar os corpos organizados, doravante ditos “orgânicos”, ou, se quisermos, “máquinas naturais”. Entre o mecânico e o orgânico, a diferença é de ênfase, não de essência. Temos aí uma crítica *avant la lettre* de boa parte da filosofia alemã do século XIX e da francesa da primeira metade do século XX.

Organismo e máquina são metáforas a serem utilizadas conforme a pertinência da análise dos fenômenos. Essas aproximações metafóricas ganham contornos mais nítidos em verbetes como *Epidemia* ou *População*, em que os grupos humanos que vivem sob um mesmo soberano são representados como entidades biológicas das quais depende a riqueza, desde o trabalho, a produção e o consumo até a possibilidade de manutenção e defesa do corpo político enquanto tal. Pode parecer surpreendente, mas o verbe *Crise* não fala de política ou de economia, e sim de saúde. A ideia de crise é jurídica: os dias críticos, na medicina hipocrática, são aqueles em que a sorte do doente será decidida, a depender da evolução dos sintomas que se manifestam em seu corpo. Interessante notar que o médico não tem muito o que fazer além de observar: superar uma crise é algo que depende da marcha da natureza. Tais são as crises econômicas, onde a intervenção direta costuma produzir efeitos muito diferentes dos intencionados, e não raro desastrosos. Ironicamente, a ideia de livre mercado, que começa a surgir na *Enciclopédia* e se torna corrente após a Revolução Francesa, é, no fundo, a adaptação de um velho preceito da medicina hipocrática.

Essas associações inesperadas podem servir como advertência contra o anacronismo. O conhecimento científico do século XVIII não é precursor do nosso e apenas indiretamente o prepara. As ciências são então calcadas em modelos, no mesmo sentido, por exemplo, que hoje se fala em “modelos matemáticos”. Mas há uma diferença. Os doutos da Ilustração são gramáticos, e, para eles, um esquema teórico é a exposição figurada de processos que só se deixam apreender indiretamente. A metáfora da crise não é o testemunho de uma insuficiência ou de uma imperfeição do saber; ao contrário, atesta a sua neutralidade mais insuspeita. Definindo-se como sistema de signos que remetem uns aos outros, inclusive a sensações, que, por seu turno, aludem a coisas sem, no entanto, representá-las, a ciência reconstitui o “real” para além de toda injunção ontológica.

A *Enciclopédia*, ao mesmo tempo que delimita ciosamente os domínios de cada ciência e os situa uns em relação aos outros – tal como as categorias gramaticais ou lógicas –, convida o leitor, chegando a obrigá-lo, a transpor as fronteiras que separam esses domínios e a transitar por outros, guiando-se pelo fio da analogia. O presente volume oferece numerosos exemplos de

como isso acontece. O verbete *Narval*, dedicado a esse lindo “peixe” (que não era classificado como mamífero cetáceo), é complementado por *Unicórnio fóssil*, que fala sobre os dentes fossilizados do Narval, que seriam a ocasião das lendas medievais sobre o unicórnio. Abre-se ao mesmo tempo para outros verbetes dedicados a animais marinhos e que são objeto de pesca, como *Arenque*, *Baleia* ou *Bacalhau*, lembrando ao leitor que os mares são, mais que um objeto da “teoria da terra”, o lugar da produção de riquezas para europeus em plena expansão pelo globo. Daí a relevância de verbetes como *Bússola* ou *Navegante*, que levam a *Mundo* e aos outros mundos aí discutidos. Outro fio: o tigre, animal asiático, é o protótipo de toda uma classe de animais, como o *Jaguar*, a *Onça*, a *Pantera* e afins, que se confundem entre si, anatomicamente, mas se diferenciam pela distribuição geográfica, compondo um verdadeiro mapa-múndi na cabeça do leitor (que poderia ainda lembrar-se que, atualmente, os escritores, os antropólogos e os filósofos, e não somente os naturalistas, têm adotado o jaguar como protótipo de mitologias e pivô de fabulações).

Mas o leitor da *Enciclopédia*, eu, você, ou quem quer que seja, não é uma entidade abstrata. Assim como o enciclopedista, é feito de carne e osso. A recitação dos signos é uma atividade material, concreta, à qual Diderot dedica o verbete *Escrita*. À primeira vista, trata-se de uma simples descrição (um tanto fastidiosa) de como uma pessoa deve se conduzir para levar a termo o ato de escrever. Mas a descrição é, na verdade, uma prescrição, de regras que incidem diretamente no corpo e preveem a operação de sua fisiologia, isto é, submetem-na a uma arte. O produto dessa arte – tão coerente e sólido quanto as vestimentas produzidas pelo tear – é nada menos que o próprio raciocínio, exposto em signos que traduzem a fala, à qual eles enviam metaforicamente. Muitos verbetes da *Enciclopédia*, compostos à maneira de ensaios, foram pensados para ser lidos em voz alta; outros tantos são peças destinadas à recitação silenciosa. A fala à qual essa escrita remete enuncia o mundo das relações que o dicionário em vão busca sumarizar num sistema fixo e estável de relações – como, aliás, os próprios editores reconhecem. A violência da sensação, a instabilidade do empírico, condicionam, em última instância, a ideia aberta do “mundo”.

\* \* \*

Como sugere o título, o princípio de organização deste sétimo volume da *Enciclopédia* em português foi buscado na obra *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*, do historiador francês Fernand Braudel.<sup>9</sup> O primeiro tomo desse clássico é dedicado à análise do que a obra chama, no subtítulo, de “estruturas do cotidiano”. Braudel quer desfazer um equívoco de percepção histórica segundo o qual o “desenvolvimento da Europa pré-industrial (excluindo-se o resto do mundo, como se este não existisse) é sinônimo de sua entrada progressiva nas racionalidades do mercado, da empresa, do investimento capitalista, até um acontecimento, a Revolução Industrial, que dividiu a história humana em duas” (p.7). Como ele mesmo acrescenta, “a realidade observável antes do século XIX é bem mais complexa”, e mesmo o rótulo “economia de mercado” é uma simplificação, que recobre a integração complexa e imperfeita entre “diversas economias” que se articulam em múltiplos níveis, distribuem-se em espaços amplos que não se restringem à Europa e mudam de características com o tempo (p.8).

Braudel identifica nos séculos que constam do título de sua obra “uma zona de opacidade, subjacente ao mercado, que muitas vezes é difícil de observar, na falta de documentação histórica suficiente. Trata-se da atividade de base, elementar, que se encontra por toda parte com intensidade extraordinária. Essa zona espessa, rente ao solo, chama-se aqui, na falta de uma expressão melhor, de *vida material* ou *civilização material*” (p.8). Essas denominações, como reconhece Braudel, têm algo de ambíguo, mas, em compensação, possuem a virtude de evitar o anacronismo que consiste em ver, na história europeia entre os séculos XV e XVIII, um preâmbulo ao sistema do livre mercado instituído a partir do século XIX, articulado em escala global e tendo como centro a Europa, em particular a Grã-Bretanha. As versões retrospectivas da história têm sempre, é verdade, algo de reconfortante, dão a ilusão de que os processos materiais teriam um sentido direcionado e ocorreriam segundo uma racionalidade identificável. Tudo se passa como se o mundo presente fosse a versão acabada do esboçado no passado. Braudel não abre mão de identificar continuidades entre dois tempos que, em muitos

---

9 Utilizamos aqui a seguinte edição: Braudel, *Civilisation, économie et capitalisme: XV<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècle*, t.I: Les Structures du quotidien.